

AS REPERCUSSÕES SOCIOESPACIAIS DO FECHAMENTO DA INDÚSTRIA DE CALÇADOS ALPARGATAS EM NOVA CRUZ – RN

 <https://doi.org/10.56238/arev7n1-258>

Data de submissão: 31/12/2024

Data de publicação: 31/01/2025

Isadora Duarte da Silva

Mestrando em Geografia do Pós-graduação e Pesquisa em Geografia (PPGE)

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

E-mail: isadoraduarte.prof@gmail.com

LATTES: <http://lattes.cnpq.br/7713165812522648>

RESUMO

O processo de reestruturação produtiva e territorial da indústria calçadista proporcionou a espacialização de estabelecimentos industriais no Nordeste a partir de 1970, transformando a realidade socioespacial de municípios, como Nova Cruz no Rio Grande do Norte, Campina Grande na Paraíba e Santo Estevão na Bahia. As indústrias permanecem enquanto encontraram recursos suficientes para ampliação do seu capital, uma vez não creditando condições de permanência, partem para o processo de relocalização da atividade industrial, provocando o fechamento de unidades industriais. O trabalho analisa os impactos socioespaciais com o encerramento das atividades da indústria Alpargatas no município de Nova Cruz – RN. Para desenvolver a pesquisa foi adotada uma abordagem qualitativa, procedendo com à revisão bibliográfica acerca da temática proposta, pesquisa documental e pesquisa empírica, realizou-se entrevistas semiestruturadas com um empresário, um trabalhador e um gestor municipal. Os resultados apontaram que com o fim dos incentivos fiscais suas atividades foram encerradas em Nova Cruz, corroborando para o processo de desindustrialização que gerou o desemprego estrutural, redução no Produto Interno Bruto (PIB), da renda e consequentemente crise no comércio com a baixa nas vendas.

Palavras-chave: Nova Cruz. Alpargatas. Desindustrialização.

1 INTRODUÇÃO

O processo de reestruturação produtiva da atividade industrial iniciada na segunda metade do século XX, característico de uma nova fase do sistema econômico mundial, legitima e propicia o reordenamento do processo produtivo no Brasil, produzindo mudanças socioespaciais e, em particular, na região Nordeste, onde se selecionou o objeto espacial desta pesquisa, a saber: o município de Nova Cruz no estado do Rio Grande do Norte. Essa nova fase do sistema econômico mundial está associada a um novo modelo de acumulação: a acumulação flexível, caracterizada por uma maior liberalização da economia, por conectar os lugares e chamá-los para contribuir com a reprodução do capital.

No território, os agentes hegemônicos usam-no visando os interesses do capital e das empresas. Em concordância com Santos (2001), o território é objeto da ação de inúmeras empresas, em que cada uma utiliza o território considerando os seus próprios objetivos. Para esse uso, em grande medida, o imperativo é validado pela lógica do capital, que, buscando novos lugares, tem contribuído para o esvaziamento espacial deixado pela desindustrialização. A desindustrialização é um processo que consiste no fechamento de unidades industriais locais, com a redução da produção e do número de empregos industriais (SAMPAIO, 2017). Atualmente, observa-se esse fenômeno, por exemplo, em municípios do Rio Grande do Norte.

De acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população da cidade de Nova Cruz chegou a 34.269 pessoas no Censo de 2022, o que representa uma queda de -3,44% em comparação com o Censo de 2010, havendo uma redução de 1.221 habitantes. Desta população total, a população feminina é composta de 17.558 pessoas e a masculina com 16.711 pessoas. Uma das motivações para redução da população Novacruzense é a busca por oportunidades de emprego em cidades que possuem uma oferta maior do que a cidade de origem, como a capital e região metropolitana. Para Ojima (2023), a desconcentração da população é um movimento que ocorreu em todo o país, em especial as capitais, em que a população de cidades menores busca locais de menor custo-benefício e se fixam em cidades ao redor da capital.

As principais atividades neste espaço são a agropecuária, indústria, serviços e administração pública, configurando-se como um Centro Local, conforme as regiões de influência das cidades (REGIC, 2018). O setor secundário da cidade de Nova Cruz concentra-se, principalmente, nos segmentos de alimentos, confecção, construção civil, gráficas, madeireiras e artesanatos (COUTINHO, 2010).

A indústria Alpargatas foi instalada no Rio Grande do Norte na década de 1970, nas cidades de Natal, Santo Antônio, São Paulo do Potengi e Nova Cruz, integradas no mercado nacional/global da produção calçados. Desde o ano de 2008, a Alpargatas tem fechado unidades no estado, dando

sinais de esgotamento da produção. Na cidade de Nova Cruz, esta indústria foi instalada em 1992 e encerrou as suas atividades em 2017, fato que contribuiu para o esvaziamento da indústria de bens de consumo no Rio Grande do Norte.

Considerando isso, o objetivo geral da pesquisa é analisar os impactos socioespaciais em Nova Cruz - RN do encerramento das atividades da indústria Alpargatas. Os objetivos específicos são: compreender os fatores de atração e repulsão de Nova Cruz para a instalação da indústria Alpargatas; e, identificar os impactos socioespaciais nesta cidade do encerramento das atividades da Alpargatas. Para alcançar estes objetivos, realizou-se pesquisa bibliográfica, documental, de fontes secundárias e entrevista semiestruturada. Assim, foi definida a amostra e as referências do estudo de caso.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

No mundo globalizado, com os avanços da técnica, ciência e da informação, o território ganha novas formas e novas características, contribuindo para um novo modo de lê-lo. Assim, o território fica ainda mais importante pela potencialidade de oferecer às empresas uma maior ou menor produtividade (SANTOS, 1999). O uso do território está profundamente ligado às vantagens oferecidas às grandes corporações para contribuir com a reprodução e acumulação do seu capital, sendo um conceito importante para o trabalho, visto que é fundamental para a percepção do funcionamento do mundo globalizado.

Com o desenvolvimento tecnológico informacional, o mundo experienciou um período de intensas inovações tecnológicas, que trouxeram profundas mudanças para o território. Diante dessas inovações, se deparamos com o meio técnico-científico-informacional, que Santos (2006), afirma que nesse período, os objetos técnicos tendem a ser simultaneamente técnicos e informacionais, visto que, já emergem como informação em razão da extrema intencionalidade de sua produção e localização. Assim, o território sofre o processo de tecnificação, científica e informalização, para o autor, com esses processos os espaços atendem principalmente os interesses dos atores hegemônicos da economia, cultura e política e são inseridos em contexto mundial.

No capitalismo, o Estado e as empresas multinacionais são os atores que detém maior poder de ação (SANTOS, 2006), ou seja, utilizam dà sua força para fazerem uso corporativo do território, conforme KAHIL (2010, p. 478), é a “forma hegemônica de compartilhar o espaço no capitalismo contemporâneo”. Apesar da hegemonia do Estado e das multinacionais não serem as únicas forças, são elas que “tem a força de determinar a tendência de todas as demais formas de desenvolvimento do processo de produção material da vida na fase atual do capitalismo” KAHIL (2010, p. 478).

O uso do território é intensificado com a introdução de sistemas de engenharias, que visam a tecnificação dos territórios, assim como, a dinâmica entre economia e sociedade: mobilidade da população, distribuição da agricultura, indústria e serviços, que configuram as funções de um novo espaço geográfico (SANTOS E SILVEIRA, 2011). O espaço geográfico é definido por Santos (2006, p. 39) como “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

O território é usado por todos, a exemplo das pessoas, empresas e instituições. Para Gottmann (2012), o território é historicamente usado como recurso e abrigo. Na concepção de Santos (2006), o território é visto como recurso para os atores hegemônicos, na qual, é uma garantia dos seus interesses particulares, como maior produção e uma busca infrene de lucros cada vez maiores. Segundo o autor, para os atores hegemonizados, o território é utilizado como abrigo, no qual buscam se adequar ao meio geográfico, bem como recrutar estratégias que assegurem sua sobrevivência nos lugares.

O uso do território acontece a partir das ampliações das ciências e técnicas, na qual, determinam como novo meio geográfico (SANTOS E SILVEIRA, 2011). É a partir dos acréscimos de ciências e técnicas que o território torna-se progressivamente equipada para atender aos interesses dos atores hegemônicos, na qual, enxergam o território apenas como recurso na busca de mais-valia. Assim, podemos entender o território usado como o espaço banal, que para Santos (2006, p. 191), é o “espaço de todas as pessoas, de todas as empresas e de todas as instituições, capaz de ser descrito como um sistema de objetos animado por um sistema de ações”.

Nesse contexto, o evento é responsável por transformar o sistema de ações e objetos atribuindo-os novos significados, sendo o vetor de possibilidades e veículo para que fatos ocorram (SANTOS, 2006). Podem ser globais ou locais, de tal forma que, um evento local pode repercutir globalmente, sobretudo a partir do processo de globalização, onde há uma maior conexão dos lugares. Assim, o evento global da reestruturação produtiva influenciou diretamente a chegada da Alpargatas na cidade de Nova Cruz, inserindo-a na produção global de calçados.

A cidade de Nova Cruz se insere na produção global de calçados e o uso do seu território está intimamente ligado ao acúmulo de capital dos grandes atores hegemônicos. Na concepção de Silveira (2011), o território usado é onde fatores de diversas ordens colaboram para geração de situações, além disso, a supremacia será sempre daqueles que detém a técnica e o mais alto desempenho. Nesse sentido, o território necessita sempre atender as exigências das empresas, ao contrário, buscam-se novos lugares. Nesse período de globalização, segundo Santos e Silveira (2011), os territórios estão cada vez mais sendo valorizados e desvalorizados em uma rapidez temerária.

Com o processo de reestruturação da economia, marcada por rápidas mudanças na economia, na política, nas relações de trabalho, além dos avanços da ciência e tecnologias, fizeram com que “cada ponto do território modernizado é chamado a oferecer aptidões específicas à produção. É uma nova divisão territorial, fundada na ocupação de áreas até então periféricas e na remodelação de regiões já ocupadas” Santos e Silveira (2011, p. 105). Nova Cruz “é chamado” para contribuir com a produção de calçados da Alpargatas de acordo com uma lógica local. No entanto, a retirada dessa produção da cidade contribui para o processo de desindustrialização.

O primeiro conceito de desindustrialização que ganha ênfase no meio acadêmico é dos pesquisadores Rowthorn e Ramaswany (1997), para eles, a desindustrialização se referir ao declínio secular na participação do emprego industrial no emprego total de um país ou região. Mais recente, Tregenna (2009), define a desindustrialização como um processo de declínio sustentado tanto pela participação da indústria no total de empregos como pela participação da indústria no PIB. Oreiro e Feijó (2010), destacam que uma economia não desindustrializa quando a produção industrial está estagnada ou em queda, mas quando o setor industrial perde relevância na geração de empregos e/ou do valor adicionado na economia.

A desindustrialização progride de formas diferentes em países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Nos países desenvolvidos, a desindustrialização é vista como positiva ou normal, em virtude da maturidade da industrialização e urbanização, assim, o setor de serviços teve intenso crescimento e passa a ter maiores taxas na participação do PIB, no entanto, a indústria continua a crescer, com altos investimentos, produtividade e competitividade internacional (CANO, 2014). Já nos países subdesenvolvidos, o mesmo autor, intitulou como precoce ou negativa, apesar do seu crescimento, o setor industrial sofria com a diminuição nas participações na produção mundial, queda da produtividade, perda de competitividade externa e interna, etc.

O processo de desindustrialização no Brasil ocorre de forma precoce ou nociva, já que se confira como um país subdesenvolvido. De acordo com Cano (2012), 5 principais fatores estão causando esse processo no Brasil:

1. Política cambial prevalecente, implantada a partir do Plano Real, “o câmbio excessivamente valorizado cumpre, até hoje, o papel de âncora dos preços, no que recebe o devido apoio “logístico” da prática de juros reais absurdamente altos e da âncora fiscal.” Cano (2012, p. 834);
2. Abertura desregrada da economia brasileira, desde 1989, no governo Sarney, e ampliou-se em 1990, no governo Collor. A abertura comercial em conjunto com o câmbio valorizado,

reduziram a proteção das indústrias nacionais diante das concorrências das indústrias internacionais;

3. Altas taxas de juros do país;
4. Investimentos direto de outros países;
5. Desde 2007 a economia brasileira passa por uma desaceleração.

Todos os fatores citados por Cano (2012), refletem negativamente sobre a “taxa crescimento, do investimento, da produção e exportação manufatureira no país, sobretudo em um contexto de acirramento da concorrência global” Sampaio (2017. p. 387). A presença de novos concorrentes no mercado mundial, como os países asiáticos, provocou desafios para a indústria brasileira diante das altas concorrências, principalmente de setores mais modernos e com alta tecnologia. De acordo com a assertiva de Belluzzo (2005), a prática de não integrar altas tecnologias na indústria significa desindustrializar-se e contribui para ampliação no progresso técnico.

Além da redução no PIB e desemprego, Singer (1999), considera a desindustrialização a causa da qual se intensifica o desassalariamento e a informalização. Além desses impactos, Sampaio (2017), reitera que a desindustrialização em países em desenvolvimento, significou uma maior dependência e vulnerabilidade externa e que as políticas que objetivam reduzir as desigualdades regionais, como a Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR), que encaram problemas como a segregação socioespacial, desemprego, redução da renda e a regressão técnica.

3 METODOLOGIA

A pesquisa foi configurada como um estudo de caso, por ser “uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (YIN, 2001, p. 32). De acordo com Gil (2008, p. 57), o estudo de caso é “caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado”.

A revisão bibliográfica foi desenvolvida a partir “do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc.” (SEVERINO, 2013, p. 106), além de sítios eletrônicos, revistas e dissertações, acerca dos conceitos norteadores da pesquisa. Também foi realizada pesquisa documental em jornais, com atenção para as instituições do Rio Grande do Norte, buscando-se “os conteúdos dos textos que ainda não tiveram nenhum tratamento analítico” (SEVERINO, 2013, p. 107), para preencher lacunas existentes.

O levantamento de dados secundários foi realizado em bases de dados eletrônicos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE/SIDRA, IBGE/Cidades), do Ministério do Trabalho

(CAGED, RAIS) e no site da Alpargatas, com a finalidade de caracterizar o objeto de estudo e compreender os indicadores numéricos resultantes do processo de esvaziamento da indústria.

A pesquisa empírica foi desdobrada em duas etapas: a primeira, com a realização de entrevistas nos dias de 03 a 16 de dezembro de 2021, com trabalhador, empresário e gestor do ramo industrial em questão; e a segunda, no dia 15 de janeiro de 2022, para a visita *in loco*, com o escopo de fotografar o espaço urbano de Nova Cruz e o espaço onde estava localizado o estabelecimento da Alpargatas. A entrevista teve como objetivo coletar informações sobre os impactos socioeconômicos em Nova Cruz com o encerramento das atividades da indústria de calçados Alpargatas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do processo de encerramento das atividades industriais da Alpargatas em Nova Cruz, a cidade passou pelo processo de desindustrialização, e a sua saída não apenas de Nova Cruz, mas do Rio Grande do Norte, está atrelada aos interesses das empresas hegemônicas. A desindustrialização pode ser entendida, como já observado, como a redução do trabalho industrial e a redução da indústria no PIB (TREGENNA, 2009).

O processo de relocalização pode provocar impactos sociais e econômicos para a cidade. Sinder (1999) destaca ser possível suceder o desassalariamento e a informalização, ou seja, a partir do desemprego estrutural deixado com a saída da indústria, os trabalhadores podem enfrentar uma realidade sem salários ou realizar trabalhos informais sem vínculos empregatícios, por consequência, haverá uma redução na renda, menor poder aquisitivo de compra, dentre outros.

Posto isso, analisam-se os impactos para a cidade, provocados com a saída da Alpargatas, a partir dos resultados obtidos com as entrevistas. Assim, foram questionados: “O desemprego é uma das maiores chagas sociais do mundo moderno, porém afeta para além da perda da renda do trabalhador. Em sua opinião, quais foram os demais impactos provocados pelo encerramento da atividade da Alpargatas no município de Nova Cruz?” O Trabalhador (2021) apontou que “[...] a cidade deixa de arrecadar, com certeza, [...] e vejo mais a questão do desemprego mesmo. Eu mesmo continuo sem ter um trabalho de carteira assinada. Trabalho como barbeiro”. O Empresário e o Gestor acrescentaram:

[...] muita gente teve que ir embora da cidade de Nova Cruz para trabalhar em outras empresas porque não poderia viver sem nenhuma renda, saíram daqui de Nova Cruz para procurar empregos e o comércio até hoje está sofrendo com a despedida da Alpargatas [...] (EMPRESÁRIO, 2021).

Além do desemprego, nós temos um supermercado que é uma rede forte no Rio Grande do Norte, que está passando por dificuldade na nossa cidade, podemos atribuir a falta dessas compras, a falta dessa aquisição dos funcionários que representam famílias [...] isso afeta também quem vendia o bujão, a água mineral, o pão e assim sucessivamente afeta [...] (GESTOR, 2021).

Analizando as informações obtidas, comprehende-se que os principais impactos supracitados pelos entrevistados foi a redução na renda dos trabalhadores, que afeta o poder aquisitivo de compra, o que pode levar à limitação do acesso a determinados bens ou serviços. Nesse sentido, a partir das demissões, os trabalhadores passarão a consumir apenas os materiais básicos para sobrevivência. A redução da circulação do dinheiro no município atinge, além dos trabalhadores, o comércio, que sofre com a baixa quantidade de vendas, como afirmam o Empresário e o Gestor (2021).

Outro efeito destacado pelo Trabalhador (2021) foi a arrecadação que o município deixa de receber com a saída da Alpargatas. Esse fator pode ser observado quando comparado à participação do valor adicionado bruto a preços correntes da indústria no valor adicionado bruto a preços correntes total (%) no PIB do município. No ano de 2016, a participação da indústria no PIB era de 13,47%. Já no ano de 2017, foi reduzida para 5,03%, conforme o banco de dados do Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA) (IBGE, 2021).

A informalização também foi uma das consequências, confirmado a tese de Sinder (1999). Nesse caso, o próprio trabalhador é o exemplo utilizado por ele, onde, cinco anos após a sua demissão, realizou trabalho informal para sobreviver. Porém, a informalização apresenta alguns prejuízos para o futuro, como dificuldades para aposentadoria, visto que não há contribuição para previdência, assim como prejuízos, tais como a ausência de auxílio-doença, férias, dentre outros benefícios.

Por fim, pode-se perceber que o desemprego na cidade é uma das razões para a ocorrência de migrações. A falta de emprego formal repulsa as pessoas para locais com condições de vida melhores e trabalho. Nesse sentido, o Empresário (2021) afirma que, “[...] muita gente teve que ir embora da cidade de Nova Cruz para trabalhar em outras empresas, porque não poderia viver sem nenhuma renda”. As migrações dos nova-cruzenses ocorrem principalmente para capitais, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, na região Sudeste, onde há cidades que se configuraram como grandes centros urbanos, com uma variedade de empregos.

Na continuidade da entrevista, os entrevistados foram indagados sobre os impactos no setor terciário: “Em geral, as pequenas cidades dependem do setor terciário, que agrupa as atividades de comércio, serviços e, consequentemente, a mão de obra local. Com o encerramento da atividade industrial, houve uma pressão sobre esse setor? Como foi a reação?” As respostas obtidas dos entrevistados foram as seguintes:

Foi muito difícil pra gente do comércio, porque gerava uma renda de quase 1 milhão, e esse dinheiro era distribuído aqui na nossa cidade. No momento que essa renda foi embora, fez falta para todo mundo, tanto para o funcionário que trabalhava e para nós comerciantes [...]. No início do mês, a gente vendia mais, e quando houve o fechamento, a vendagem caiu e, consequentemente, eu parei de comprar algumas mercadorias, já que não tava vendendo. Então gera uma onda de consequências (EMPRESÁRIO, 2021).

Com certeza, causou uma certa indignação, porque eles queriam contar com esse investimento no município. Esse dinheiro seria gasto no nosso município. Esse dinheiro ia gerar dentro do comércio [...]. As empresas maiores ou menores também são interligadas, uma coisa com a outra. E o dinheiro, quando circula, todos saem ganhando (GESTOR, 2021).

Não foi muito bom, o que acontece, ao todo nós tínhamos em média 500 pessoas trabalhando, ou seja, todos ali que recebia mais de salário, outros recebiam salários, assim é um impacto muito grande para cidade porque é um dinheiro que deixa de circular dentro do município, ou seja, era 500 famílias empregadas e todas as 500 saíram. [...] uma lanchonete perto da Alpargatas fechou, os meninos que vendiam lanche também sentiram o impacto (TRABALHADOR, 2021).

Diante das afirmativas, observa-se que a atividade do terceiro setor que obteve mais destaque diante dos entrevistados foi o comércio, pois com a queda no consumo, tem-se o impacto direto nesse segmento. O Gestor (2021) relatou que “[...] as empresas maiores e menores são interligadas e o dinheiro, quando circula, todos saem ganhando”, ou seja, as empresas maiores constroem uma conexão com as menores e, em grande medida, quando uma empresa como a Alpargatas retira-se de Nova Cruz, as empresas de menor porte sentem o impacto no seu faturamento mensal.

No entanto, os impactos não são notados apenas no comércio local; região e o estado sentem os efeitos. Nesse sentido, como o trabalhador (2021) afirma: “[...] parei de comprar algumas mercadorias, já que não estava vendendo. Então gera uma onda de consequências”. Desse modo, estamos tem-se um processo de globalização onde os espaços estão cada vez mais conectados e, como assevera Giddens (1991), os acontecimentos locais influenciam espaços distantes.

O Trabalhador (2021) realça o impacto nos estabelecimentos comerciais circunvizinhos a Alpargatas. Quando a empresa estava em funcionamento, causava um intenso fluxo de pessoas nas trocas de horários, visto que a Alpargatas funcionava por turnos: 1º turno de 05h30min às 14h; 2º turno das 14h às 22h45min e 3º turno das 22h45min às 5h. Assim, nos horários de café da manhã, jantar e nos momentos de transição, os empregados se reuniam nas lanchonetes próximas para se alimentarem.

Com a saída da Alpargatas, esses estabelecimentos foram fortemente afetados devido à drástica diminuição de clientes. Além disso, Nova Cruz possui uma tradição nas vendas de lanches por pessoas em bicicletas, onde passam nas ruas, locais de trabalho e, como afirmou o Trabalhador (2021), eles também foram afetados.

Por fim, os entrevistados foram indagados acerca da situação do trabalho em Nova Cruz: “Os efeitos dessa mudança recaem sobre a massa de rendimentos reais da população, visto que é a base do consumo das famílias. Qual é, efetivamente, a situação do trabalho em Nova Cruz, dado o pouco dinamismo da atividade industrial?”. Diante da problemática, os entrevistados responderam da seguinte forma:

Infelizmente, nossa cidade de Nova Cruz, hoje, passa por uma situação muito difícil em termos de empregos, pois são poucas empresas que agregam alguns funcionários [...]. Hoje, a gente vê também Nova Cruz uma cidade que tá crescendo. Tá vindo outras empresas para cidade de Nova Cruz, por exemplo, as Americanas, Pague Menos e outras farmácias (EMPRESÁRIO, 2021).

Infelizmente, Nova Cruz hoje é uma cidade que vive sem nenhuma produção, porque a prefeitura não produz nada, o estado não produz nada. Quem produz são as empresas, são as indústrias e o setor agropecuário. Então, Nova Cruz, hoje, não produz nada. Pegou um ano de seca, como nós sabemos, e o incentivo foi pouco do setor público [...]. Então, a saída da fábrica só trouxe malefícios para o nosso município (GESTOR, 2021).

A situação do trabalho agora dificulta muito, porque os empresários da cidade são poucos. Os que têm, já têm seus funcionários e não querem colocar mais ninguém. Quem ficou desempregado, não tem como trabalhar, porque não há vaga. A empresa que ocupa o espaço que era da Alpargatas, em média, emprega 34 pessoas, ou seja, 34 famílias vivem sustentadas pelo espaço que antes sustentava 500 famílias [...]. Hoje, temos uma empresa grande instalada na cidade, como a Americanas, mas jamais empregará 540 pessoas, ou seja, vão雇用 2 montadores, 2 recepcionistas, 2 vendedores, 4-6 pessoas. As demais não têm como. É um impacto econômico gigantesco para a cidade (TRABALHADOR, 2021).

Conforme as considerações, são percebidas similaridades nas respostas dos três entrevistados, afirmando que a cidade de Nova Cruz atravessa por um momento difícil em relação ao trabalho. A Alpargatas era o empreendimento industrial que mais agregava cargos de trabalhos na cidade, e até o momento não houve a inserção de outra empresa para integrar os trabalhadores que ficaram desempregados após a sua saída. Assim como afirma o Trabalhador (2021), “[...] quem ficou desempregado, não tem como trabalhar porque não tem vaga”. Essa conjuntura demonstra o pouco dinamismo industrial da cidade, onde, segundo a pesquisa do CAGED, em 2019, abrigava apenas uma indústria no ramo calçadista e três na indústria têxtil de vestuário e artefatos de tecidos, que emprega uma quantidade de funcionários bem menor que a Alpargatas, segundo o Trabalhador (2021), em média 34 funcionários.

O Gestor (2021) menciona que Nova Cruz se mantém “sem nenhuma produção, porque a prefeitura não produz nada, o estado não produz nada”. Diante dessa afirmativa, entende-se que os setores primário e secundário têm uma menor influência na economia de Nova Cruz. Na fundação da cidade, o setor agropecuário, historicamente, apresentou-se como a base da economia. No entanto,

decaiu com a eclosão do comércio e serviços oferecidos na cidade, e atualmente sofre impactos decorrentes da seca, afetando a produção e o trabalho. Além disso, a cidade não conta com uma produção industrial significativa de uma empresa do porte da Alpargatas.

Todavia, Nova Cruz, nos últimos anos, vem sendo palco para instalação de empresas como as lojas Americanas e a rede de farmácias Pague Menos. A instauração desses empreendimentos se torna uma expectativa para abertura de novas empresas e um futuro de oportunidades para todos os nova-cruzenses, que não têm a possibilidade de continuar no seu lugar por falta de empregos. Além disso, o desenvolvimento do trabalho influenciará os indicadores do município como renda *per capita*, nível de escolaridade, visto que mais pessoas procuraram se qualificar para ocupar os postos de trabalho, redução do nível de pobreza, de modo a aumentar o IDH do município.

5 CONCLUSÃO

A reorganização industrial calçadista é resultado do advento da reestruturação produtiva ocorrida a partir dos anos de 1970, com a intensificação da concorrência em escala mundial, principalmente dos produtos asiáticos e a abertura econômica. Assim, sentiu-se a necessidade de realocar para lugares onde a atividade industrial não tinha tanta representatividade econômica, assim como uma base consolidada no município de sindicato calçadista, que favorecia a acumulação de capital e redução nos custos de produção.

A indústria brasileira de calçados Alpargatas se instalou na região Nordeste mediante políticas nacionais, como a SUDENE, para tecnificação e modernização dos territórios, bem como programas de isenções e incentivos fiscais oferecidos pelos governos. A partir da espacialização da atividade industrial, Nova Cruz foi inserida na produção mundial de calçados, atuando como um polo de costura para a produção de artigos esportivos, especialmente das marcas Rainha e Topper, modificando a divisão territorial do trabalho e organizacional do município para atender os interesses dos atores hegemônicos.

Diante dos resultados obtidos, observou-se que a instalação da Alpargatas em Nova Cruz está atrelada à oferta de mão de obra barata, localização privilegiada, próxima a cidades com indústria do mesmo conglomerado, o que facilitava o escoamento dos produtos e redução de gasto com transporte. Além disso, constatou-se a importância do estado para manutenção do funcionamento da indústria mediante incentivos fiscais, como a isenção do ICMS municipal e doação do terreno para instalação do empreendimento. A presença da Alpargatas na cidade causou, em grande medida, o aumento substancial do trabalho industrial, consequentemente ocorreu o aumento da renda, redução da pobreza e do IHD do município.

Porém, com a crise econômica, a partir do ano de 2014, posteriormente intensificada com escândalos de corrupção por ação da Lava Jato, a Alpargatas rompeu a produção de calçados em Nova Cruz. Somado a isso, com o término dos incentivos governamentais, retiraram-se do território nova-cruzense e suas atividades foram realocadas para cidades do estado da Paraíba. Sua saída causou significativas implicações sociais e econômicas no município, como a redução da indústria no PIB, impactos na quantidade de vendas do comércio, desemprego estrutural, migração dos trabalhadores da indústria calçadista para a região Sudeste, que oferecem uma variedade de empregos e fechamento de estabelecimentos.

Nesse sentido, entende-se que o uso do território nova-cruzense pela indústria Alpargatas está estreitamente associado com a acumulação ampliada do seu capital, enxergando o território apenas como recurso na busca de mais-valia. Assim, ao encontrarem lugares com uma maior rentabilidade, iniciam o processo de relocalização produtiva, contribuindo para o esvaziamento industrial do local. Dessa forma, comprehende-se que a cidade de Nova Cruz passou pelo processo de desindustrialização, com o encerramento das atividades da maior indústria já instalada na cidade, cuja participação era importante no PIB e na oferta de empregos, e a sua saída do município ocasionou impactos socioeconômicos para o município, pessoas, comércio, serviços, dentre outros.

Por fim, este trabalho é o início de um caminho a ser trilhado academicamente, abrindo possibilidades para uma discussão mais ampla sobre o uso do território pela Alpargatas em Nova Cruz, assim como nas cidades do estado do Rio Grande do Norte em que ela atuou.

REFERÊNCIAS

SOBRENOME, Nome do autor. Título do artigo. Nome do periódico em itálico, Local de publicação, volume, número, páginas inicial-final, mês abreviado. ano.

BELLUZZO, L. G. Prefácio. In: FURTADO, C. Formação econômica do Brasil. 32. Ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

CANO, Wilson. A desindustrialização no Brasil. *Economia e Sociedade*, Campinas, v. 21, Número Especial, p. 831-851, dez. 2012. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/eco/article/view/8642273/9748>. Acesso em: 20 jun. 2021.

_____. (Des)Industrialização e (Sub)Desenvolvimento. *CADERNOS do DESENVOLVIMENTO*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, p. 139-174, jul. dez. 2014. Disponível em: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/118/122>. Acesso em: 30 jun. 2021.

COUTINHO, Severino Alves. Nova Cruz: sua dinâmica e as relações com as cidades de Montanhas e Lagoa d'Anta – RN. 2020. 170 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOTTMANN, Jean. A evolução do conceito de território. *Boletim Campineiro de Geografia*, v. 2, n. 3, 2012. p. 523-545.

IBGE. Produto Interno Bruto dos Municípios 2019: Nova Cruz. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municípios.html?t=pib-por-municipio&c=2408300>. Acesso em: 09 mar. 2022.

IBGE. Cidades e Estados: Nova Cruz. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rn/nova-cruz.html>. Acesso em: 20 fev. 2022.

IBGE, Coordenação de Geografia. Região de influência das cidades: 2018, Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 192 p.

KAHIL, Samira Peduti. Psicoesfera: uso corporativo da esfera técnica do território e o novo espírito do capitalismo. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, 22 (3): 475-485, dez. 2010. Disponível em: https://seer.ufu.br/index.php/sociedadenatureza/article/view/11332/pdf_12. Acesso em 10 jan. 2022.

OJIMA, Ricardo; MARANDOLA, Eduardo Jr. Mobilidade populacional e um novo significado para as cidades: dispersão urbana e reflexiva na dinâmica regional não metropolitana. R. B. *Estudos Urbanos e Regionais*, v. 14, n. 2, novembro 2012.

OREIRO, José Luís da Costa; FEIJÓ, Carmem Aparecida. Desindustrialização: conceituação, causas, efeitos e o caso brasileiro. *Revista de Economia Política*, São Paulo, v. 30, n. 2, junho, p. 219-232, 2010. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5818>. Acesso em: 25 jun. 2021.

ROWTHORN, Robert; RAMASWAMY, Ramana. Deindustrialization: Causes and Implications. *International monetary fund*, Washington, 1997.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4. ed. São Paulo: edusp, 2006.

_____. Guerra dos Lugares. Jornal Folha de São Paulo, São Paulo, 08 ago. 1999. Disponível: https://www1.folha.uol.com.br/fol/brasil500/dc_3_5.htm. Acesso em: 15 jul. 2021.

_____. Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SAMPAIO, Daniel Pereira. DESINDUSTRIALIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO BRASIL (1985-2015). In: NETO, Aristides Monteiro; CASTRO, César Nunes de; BRANDÃO, Carlos Antonio (org.). DESENVOLVIMENTO REGIONAL NO BRASIL: políticas, estratégias e perspectivas. Rio de Janeiro: Ipea, 2017. p. 369- 396.

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

SILVEIRA, Maria Laura. TERRITÓRIO USADO: DINÂMICAS DE ESPECIALIZAÇÃO, DINÂMICAS DE DIVERSIDADE. *Ciência Geográfica*, Bauru/SP, v. XV, (1), Jan/Dez, 2011.

SINGER, Paul. GLOBALIZAÇÃO E DESEMPREGO: diagnóstico e alternativas. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

TREGENNA, Fiona. Characterising deindustrialisation: An analysis of changes in manufacturing employment and output internationally. Tradução nossa. *Cambridge Journal of Economics*, v. 33, p. 433-466, 2009. Disponível em: <https://academic.oup.com/cje/article/33/3/433/1690329?login=true>. Acesso em: 30 de jul. 2021.

YIN, Robert K. Estudo de Caso: Planejamento e Métodos. Tradução de Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.